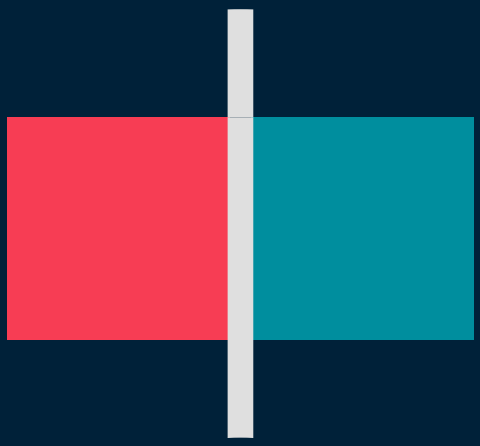
IDEAS LLYC

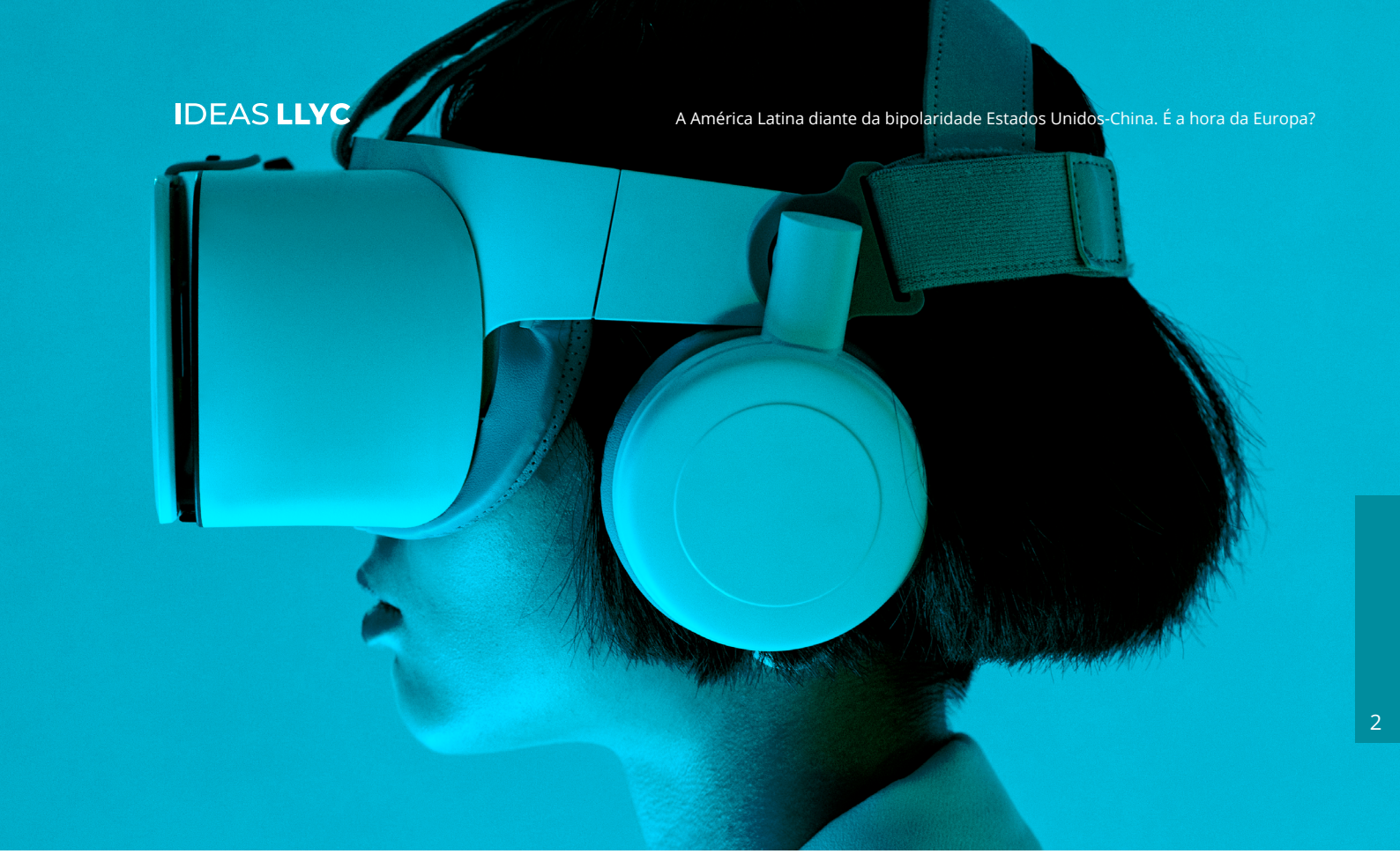
EXPLORAR. INSPIRAR.



ARTIGO

A AMÉRICA LATINA DIANTE DA BIPOLARIDADE ESTADOS UNIDOS-CHINA. É A HORA DA EUROPA?

Madrid, 1 de Setembro 2021



INTRODUÇAO

Se alguém pode pensar que a chamada Quarta Revolução Industrial, em que nos encontramos confusamente, também chamada de "Indústria 4.0" a de 5G, inteligência artificial, a Internet quântica, automação etc., não teria sua dose particular de " Guerra Fria" e confronto, tememos que tenha se enganado. Aqui temos a China e os EUA imersos nesta nova versão da bipolaridade.

Os EUA enfrentam uma China milenar em sua história, mas muito jovem em sua presença no cenário internacional. Além de seu poderio econômico e militar, China e Estados Unidos são os únicos do planeta que simultaneamente compartilham a disputa pela liderança desta nova era e, da mesma forma, são os únicos atores em todo o globo com recursos suficientes e capacidade de oferecer bens públicos globais e promover projetos de âmbito planetário.

Como em qualquer conflito geoestratégico, temos cenários muito específicos onde este confronto se manifesta e, sem dúvida, a América Latina tornou-se, por si só, um desses cenários, onde se expressa de forma clara e concreta, a chamada bipolaridade.

Considerados, desde a época da "doutrina Monroe" (América para os americanos) como sua zona de influência natural, os Estados Unidos vêm contemplando, desde o início deste século XXI, como seu rival global chinês vem ocupando espaços, às vezes conquistados, outros cedidos, na esfera latino-americana, até se tornar um dos protagonistas da Região.

Diante dessa posição, o que a América Latina deve fazer? Render-se nos braços de uma das duas grandes potências? Oferecer matéria-prima ao maior lance, em troca de modernização da infraestrutura e acesso à educação e vacinas? É hora de aplicar a máxima: "Da China, prosperidade, e da América, segurança"?

No entanto, não vamos nos enganar. O objetivo destas superpotências foi e continua sendo o mesmo, a procura de influência, embora antes o caminho habitual fosse político e ideológico, deslocando-se agora para as áreas do comércio, finanças e pesquisa.

Apesar da intensa pressão, das ofertas e dos amplos benefícios, a América Latina não teria que se render a uma das duas potências para alavancar seu desenvolvimento. Diante dessa abordagem maniqueísta, surge outra possibilidade, uma "terceira via", que tem suas raízes na própria história da América Latina, sua cultura, seus valores: existe a Europa, sempre pronta a apoiar uma região com a qual compartilha seus princípios e com os quais faz parte desse "Ocidente" no modo de vida e nas aspirações sociais.

A Europa poderia ser essa alternativa para a América Latina neste cenário bipolar?

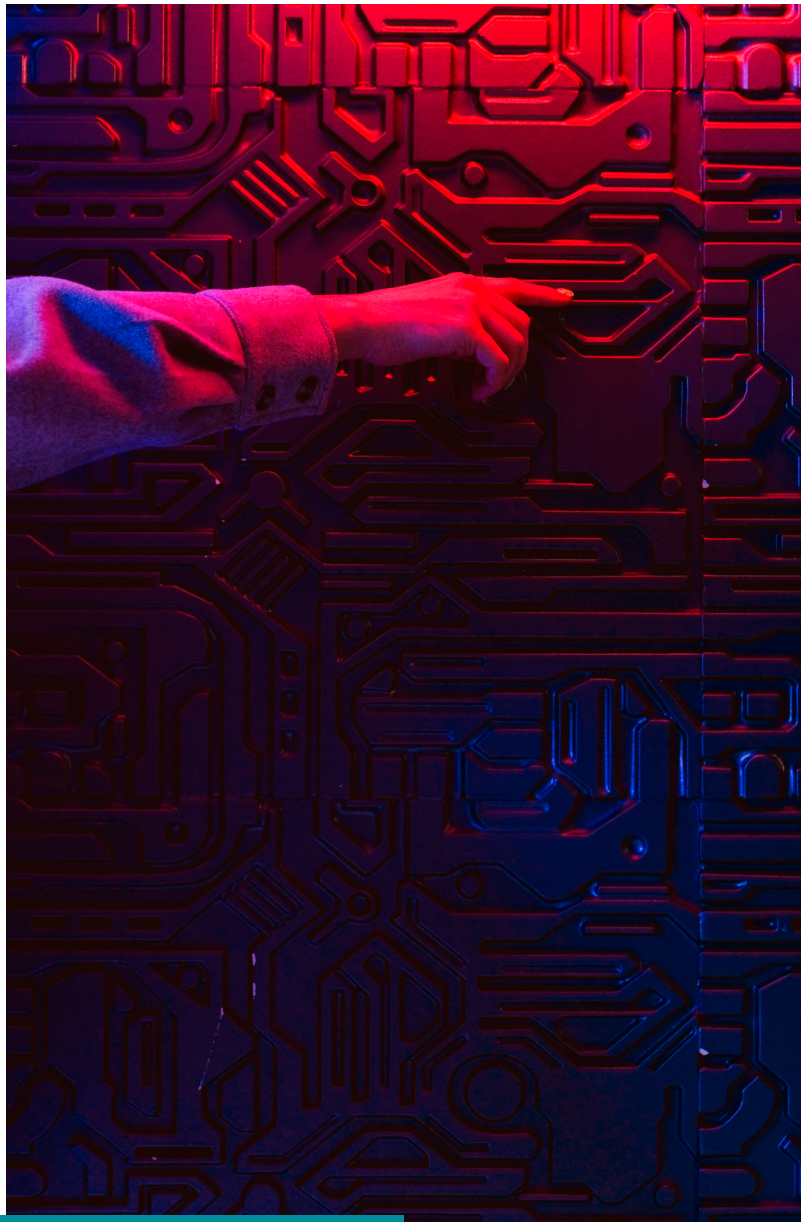
Neste documento, procuramos apontar algumas chaves que nos permitem compreender esta nova situação que a América Latina enfrenta nas suas relações com as duas grandes potências mundiais e a grande oportunidade para a União Europeia dar um passo à frente e mostrar-se como a opção mais válida para uma região manifestamente "eurocompatível".

AS POTÊNCIAS E A AMÉRICA LATINA

Desde o início do século XXI, a China redobrou a sua presença econômica e política na América Latina, sendo observada com crescente preocupação pelos Estados Unidos, tradicional aliado da Região, no seu duplo papel de "amparador e guardião", dependendo da ocasião.

Nesse sentido, os EUA continuam sendo o maior parceiro comercial da região, embora a China seja o segundo. De 2002 a 2019, a participação dos Estados Unidos no comércio da região diminuiu, pois deixou de representar o destino de 57% das exportações para 43% e, do lado das importações, sua participação caiu de. 46% para 32%. Porém, no caso chinês, a tendência tem sido inversa, com crescimento sustentado. Se em 2002 a América Latina vendia 2% do total exportado para a China, em 2019 sua participação subia para 12%. As importações tiveram o mesmo comportamento, já que a participação da China nas compras da região passou de quase 4% para 18% no mesmo período.

Se a tendência foi clara na área do comércio, na área financeira a atividade não foi menor: a China tornou-se o maior credor da Região. Estima-se que, entre 2005 e 2018, a China emprestou cerca de US $ 150 bilhões para a América Latina. Um gesto significativo foi em 2009, quando Pequim ingressou no Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) com uma doação de 350 milhões de dólares. Da mesma forma, os dois bancos internacionais de desenvolvimento chineses - o Banco Asiático de Desenvolvimento de Infraestrutura (BAII), liderado por Pequim, e o Novo Banco de Desenvolvimento (NDB), com sede em Xangai - não pararam de expandir seus poderes na Região.



Um dos elementos que mais chama a atenção dos analistas é a mudança qualitativa na relação China-América Latina. Embora em seus primeiros passos as ações chinesas tenham sido voltadas para o aproveitamento de oportunidades comerciais ou alguma operação financeira específica, a partir de 2013 tornou-se uma verdadeira Política de Estado, já que a América Latina se enquadra nas regiões qualificadas para a "Nova Rota da Seda": a ambiciosa estratégia lançada pelo presidente Xi Jinping para expandir projetos de infraestrutura e investimento em todo o mundo.

É nesse contexto que se definem dois setores atrativos para os investimentos chineses na América Latina: transporte e energia. Como exemplos importantes, destaque o projeto da ferrovia transcontinental chinesa que ligaria a costa do Pacífico do Peru com a costa Atlântica do Brasil, através da Bolívia. No setor de energia, a presença das estatais chinesas State Grid e Three Gorges não é menor em redes de energia, usinas e parques eólicos no Chile, Brasil, Equador, Bolívia e Peru.

E Washington, o que você acha de tudo isso?

Sob a administração Trump, a atitude americana para com seus vizinhos do sul não poderia ter sido mais displicente. É a primeira vez, em tempos recentes, que um presidente dos Estados Unidos não aparece a uma Cúpula das Américas, e mais, a única visita do presidente Trump à região foi em 2018, no encontro do G-20 em Buenos Aires. Com essa atitude do principal aliado e parceiro da América Latina, não deveria ser surpresa que a maioria dos países latino-americanos olhasse para a opinião chinesa em busca de financiamento imbatível, contratos vantajosos e apoio incondicional.

Foi a partir da segunda metade do mandato que o governo Trump reagiu de forma mais beligerante, e tanto seu presidente como secretário de Estado, Mike Pompeo, expressaram reiteradamente seu repúdio às atividades chinesas na América Latina, elevando o tom das acusações e passando a classificá-las como "atividades econômicas predatórias" e "ações vis" na Região.

Foi quase comovente o lançamento do programa "América Cresce", iniciativa norte-americana lançada em 2018 na tentativa de neutralizar a Nova Rota da Seda Chinesa, com a presença do US International Development Finance Corp. para promover o investimento privado na Região e ainda com a presença de Ivanka Trump no Paraguai para lançar ajuda do US Overseas Private Investment Corp.

Parece que com o governo Biden se manteve a retórica contra a presença chinesa na América Latina, embora possamos entender que agora o conhecimento é maior: na qualidade de vice-presidente, Biden teve a oportunidade de visitar a Região 16 vezes, com a consequente coleção de projetos, alianças e acordos que provavelmente mantém.

Em sua recente visita à Europa neste ano de 2021, por ocasião da Cúpula do G7, o presidente Biden deixou bem claro qual é sua principal preocupação no cenário internacional neste momento: sem dúvida, a China. Não é surpreendente que o desafio da China tenha sido mencionado 3 vezes no comunicado final do G7 e até mesmo entrado para a resolução da OTAN a que o presidente dos EUA participou após a reunião do G7.

"O objetivo destas superpotências foi e continua sendo o mesmo, a procura de influência, embora antes o caminho habitual fosse político e ideológico"

Nova reviravolta nos relacionamentos

O ano de 2020 pode ser definido como um novo ponto de inflexão entre as grandes potências e a América Latina. Segundo a Boston University e a ONG americana Inter-American Dialogue, pela primeira vez em 15 anos, a China não concedeu um único empréstimo a nenhum país latino-americano em 2020. As empresas chinesas, por outro lado, reforçaram seus investimentos em infraestrutura. principalmente na área de distribuição elétrica e continuou a aumentar a demanda por matérias-primas. Portanto, não parece haver uma verdadeira desaceleração, uma vez que as relações entre as duas regiões já são muito próximas para que ocorram grandes mudanças de rumo. No entanto, parece que a China está repensando o investimento direto.

Esta nova abordagem também coincidiu com a implementação de uma estratégia de expansão chinesa muito mais seletiva que se originou em 2017 e começou a ser implementada vários anos depois: a criação da Nova Rota da Seda Digital e da Nova Rota da Seda da Saúde, ambas lideradas por empresas privadas chinesas e que coincidem no tempo com o outro fator transformador, a chegada da pandemia COVID-19.

As consequências que a pandemia está tendo na América Latina (além do profundo drama humano, a paralisação dos projetos, os déficits fiscais, os elevados níveis de endividamento e a dificuldade de saldá-los) são verdadeiramente significativas e ainda temos tempo para avaliar. Isso significa que alguns países não conseguiram receber novos empréstimos em grande escala. Na verdade, dois dos principais países devedores da China na América Latina, Venezuela e Equador, tiveram que reestruturar suas dívidas nos últimos anos.

Pequim não desperdiçou a crise da saúde assumindo um papel maior na América Latina.

Assim que a emergência de saúde começou, por meio de seu programa Health Silk Road, a China estava cooperando com todos os países da Região no acesso a máscaras e produtos básicos de saúde. Da mesma forma, sua própria vacina, a Sinovac, foi oferecida a vários países, como o Chile, onde tem sido uma das vacinas mais utilizadas. É "diplomacia vacinal" em toda a sua expressão.

E não é que os EUA não tenham apoiado a Região nestes tempos difíceis, muito pelo contrário. Grandes remessas de vacinas foram enviadas pela Administração norte-americana a vários países da Região, mas, embora por um lado a entrega das vacinas tenha sido muito gradual e, por outro, o foco político tenha permanecido ancorado no problema da migração, as ações de apoio não parecem tão boas quanto as chinesas.

Porque, não vamos esquecer, aqui continuamos falando sobre influência e como se desenvolve a atividade das superpotências neste teatro de operações particular. Ao mesmo tempo em que o presidente Trump recusou sua participação na Cúpula das Américas, a China inaugurou sua nova base espacial na Argentina, um macroprojeto que mostra o potencial econômico e estratégico desta região para a China.

"Pequim não desperdiçou a crise da saúde assumindo um papel maior na América Latina"

Em busca de benefício

Por que tanta presença e esforços de ação chineses em uma região tão cultural e socialmente distante como a América Latina? Sem dúvida, a China deseja que sua presença comercial, financeira e cooperativa traga benefícios políticos.

Temos um exemplo paradigmático: curiosamente nesta parte do mundo, uma série de países latino-americanos, especificamente 12, não mantinham relações formais com a China, pois reconheciam Taiwan como país legítimo. Nos últimos quatro anos, a República Dominicana, El Salvador e o Panamá mudaram seu reconhecimento de Taiwan para a China. Forjar esse tipo de aliança na América Latina oferece a Pequim alguns votos muito valiosos na ONU e apoio às nomeações chinesas em instituições multinacionais.

No entanto, o crescimento espetacular das relações comerciais e de investimento entre a China e a América Latina e o Caribe ainda não se traduziu em uma expansão significativa da influência de Pequim sobre a mídia e a sociedade civil da região. A China certamente lançou muitas iniciativas para aumentar sua influência, mas os resultados da ofensiva da China na mídia, a informação e a sociedade civil foram mistos. As perspectivas de Pequim de aumentar seu soft power brando na região ainda não são claras.

A reação latino-americana

Se há uma expressão que possa definir a presença da China na América Latina, essa expressão seria "pragmatismo". A atividade chinesa cobre uma série de déficits que, até o momento, não foram adequadamente cobertos pela outra superpotência, seja por mudança de prioridades, seja por falta de sentido estratégico ou, não podemos negar, por falta de interesse.

Nesse sentido, a China oferece aos países latino-americanos um espaço de comércio, investimento e cooperação não apenas estatal, mas diretamente vinculado às suas universidades, empresas públicas e, o que parece mais relevante, às próprias províncias chinesas. É toda uma rede de relações em que se destacam o seu sentido prático e a sua vocação de permanência, numa perspectiva de médio e longo prazo.

Como os países latino-americanos reagem? Como poderia ser de outra forma: quando você não tem orçamento para custear sua própria infraestrutura, aceita-se prontamente um excelente financiamento, investimento que lança um projeto fundamental para a economia de um país ou acesso a milhões de vacinas.

Venezuela, Argentina e Brasil, grandes beneficiários dos empréstimos chineses, se comportaram da mesma forma, assim como o Chile, diante da generosa compra chinesa de seu cobre, ou do Brasil com seu ferro, ou da Bolívia com seu estanho ou do Peru com seu ouro e, é claro, Venezuela e Equador com seu petróleo.

O MOMENTO DA EUROPA

Parece claro que a China já está na América Latina, veio para ficar e temos que contar com esse fator relevante.

No entanto, da nossa perspectiva, é este desenho "triangular" China - LatAm – EUA que não está sendo suficiente para definirmos o plano geoestratégico na relação da América Latina com as grandes superpotências, já que nos faltaria um vértice deste modelo: onde situar a presença da União Europeia nesta alternativa à relação de America Latina?

Seguindo José Manuel Albares, em seu momento como Embaixador da Espanha em Paris e hoje Ministro das Relações Exteriores da Espanha, a presença da União Européia na América Latina é inevitável e eles são obrigados a se entender porque não há mais zona "eurocompatível" do que a América Latina. E esta "eurocompatibilidade" não deve ser sustentada apenas por elementos-chave do passado que, evidentemente, desempenham um papel fundamental como uma origem populacional comum ou o uso de línguas comuns, tanto o espanhol como o português, ou uma história comum, mas também pensando em elementos futuros. Nesse sentido, nos referimos a como a América Latina e a Europa enfrentam e entendem o mundo, compartilhando os mesmos valores, as mesmas crenças em uma ordem mundial baseada em regras, no multilateralismo, no livre comércio, na resolução pacífica dos conflitos e em muitos outros valores e objetivos que reforçam a compatibilidade acima mencionada.

Embora a agenda comum entre latino-americanos e europeus seja mais do que evidente, tradicionalmente a União Europeia tem se concentrado em regiões onde prevalecem grandes conflitos geoestratégicos e, para melhor ou para pior, na América Latina não houve tais conflitos, por isso, o interesse europeu foi um pouco diluído.

É surpreendente, neste contexto de relação intensa e, sobretudo, de valores e objetivos comuns, que a União Europeia não realize as suas cúpulas anuais entre as duas regiões, tendo-se realizado a última cúpula formal UE-CELAC em 2015, ou até mesmo reuniões de acompanhamento de alto nível. É nessa tendência que se enquadra a desaceleração da ratificação do Acordo do Mercosul ou a falta de avanços na renovação dos acordos com o México e o Chile.

"É este desenho 'triangular' China - LatAm – EUA que não está sendo suficiente para definirmos o plano geoestratégico na relação da América Latina com as grandes superpotências"

Para a União Européia, a presença da China na América Latina não deve ser motivo de preocupação, mas uma oportunidade que também contribui para o avanço dos povos latino-americanos. No entanto, os europeus terão que decidir quando a China é um verdadeiro "parceiro" para confiar e cooperar e quando é um "competidor sistêmico" com uma visão diferente da Europa em áreas como direitos humanos em geral, direitos sociais em particular, respeito para o meio ambiente e outros.

Não deveria ser uma opção: a União Européia deveria se voltar para a América Latina e ter um papel de destaque em suas relações, como de fato ocorre no campo da cooperação, do investimento e dos acordos entre a UE e os países latino-americanos. Os instrumentos europeus estão aí, prontos a serem utilizados, como a "estratégia de cooperação avançada", de acordo com o recente Consenso Europeu

sobre o Desenvolvimento, onde se prevê uma cooperação para além da ajuda ao desenvolvimento tradicional, centrada na cooperação com todos os países, não apenas os qualificados, cada um com sua particularidade.

No entanto, essa não é a percepção dos latino-americanos. A atividade das Delegações da Comissão Europeia nas principais capitais da América Latina é amplamente desconhecida a nível geral e mesmo pelas próprias elites dirigentes. Um impulso de posicionamento, de presença, de contar o que se faz, pois o que se faz é muito e em muitos campos, ajudaria a visualizar uma União Europeia próxima e sensível às necessidades da Região.

Hoje, mais do que nunca, a União Europeia tem o seu lugar na América Latina, contribuindo com a sua credibilidade e confiança, mostrando a sua experiência de coesão social e a sua capacidade de influenciar as mudanças políticas, algumas de carácter constitutivo, que se vão desenrolando nestes momentos no seio das sociedades latino-americanas.

Nestes momentos de tribulação na América Latina, é o momento certo para seu parceiro histórico no Ocidente, com quem forma uma equipe de valores e objetivos, dar um passo à frente e se tornar uma alternativa real à bipolaridade. Será a "terceira via", a europeia, a escolhida pelos latino-americanos.

BIBLIOGRAFIA

- Le Grand Continent: L'autre relation atlantique. Josep Borrell. Octubre 2020.
- Real Instituto ELCANO: España ante la rivalidad estratégica entre China y Estados Unidos. Mario Esteban. Junio 2021.
- European Commission: Implementing EU agreements.
- European Commission: Preference utilisation EU Imports / Exports.
- The Dialogue. Leadership for the Americas. Is Latin America maximising China's international development strategy?. Carol Wise, Francisco Urdinez, Margareth Myers. April 2021.
- The Dialogue. Leadership for the Americas. China's global energy finance & China - Latin America development finance database updates.
- American Society / Council of Americas. China and the Americas. Risks and rewards. Eric Farnsworth, vicepresident Council of the Americas. April 2021.
- Americas Quarterly. Can China save Latin America again? Margareth Myers. April 2020.
- Política Exterior. ¿La prioridad de Biden? China. Ngaire Woods. Enero 2021.
- Política Exterior. Segundo desembarco latino de China. Luis Esteban G. Manrique. Diciembre 2020.
- Le Monde Diplomatic. Entre les État-Unis et la Chine, une guerre moins commerciale que géopolitique. Philipe S. Golub. Octubre 2019.
- Foro Cooperación e Inversión Alto Nivel China - América Latina. CEPAL, Santiago de Chile, Octubre 2019.

AUTORES

Jose Antonio Llorente. Sócio fundador e presidente da LLYC. Preside também a Fundação LLYC, dedicada a gerar valor para a mudança social através da comunicação. É autor do livro El octavo sentido, ensaio sobre a relevância da comunicação na sociedade do século XXI. Atualmente, é membro de Arthur W. Page Society, a associação que reúne os líderes globais da comunicação das principais empresas do mundo e das principais consultoras de âmbito internacional; do Conselho Assessor do Human Age Institute, a Fundação da Manpower que trabalha pelo desenvolvimento do emprego e da empregabilidade; e do Patronato da Fundação Euroamérica, dedicada ao encontro da Europa e América Latina. No âmbito da arte contemporânea, pertence ao Conselho Assessor da Fundação ARCO e ao Conselho Internacional de Patrocínio do Museu Reina Sofia da Espanha. Durante dez anos, José Antonio trabalhou na firma multinacional Burson-Marsteller, onde foi Conselheiro Delegado da operação na Espanha. Previamente trabalhou durante cinco anos no Departamento de Comunicação da CEOE (Confederação Espanhola de Organizações Empresariais) e foi jornalista na Agência de Notícias EFE.

jallorente@llorenteycuenca.com

Claudio Vallejo. Diretor Sênior do Latam Desk da LLYC. É formado em direito e diplomado em estudos avançados em comunicação (DEA) pela Universidade Complutense de Madrid, especializado em relações internacionais e marketing internacional pela Universidade de Kent em Canterbury, Reino Unido. Anteriormente, trabalhou como consultor sênior da firma multinacional de comunicação estratégica e assuntos oficiais, KREAB. Como diretor de comunicação atuou em várias empresas relevantes em cada um de seus setores como CODERE, ENCE, SOLUZIONA e é responsável internacional de comunicação da elétrica UNION FENOSA. Antes desta experiência empresarial, Claudio foi agregado comercial no Escritório Comercial da Embaixada da Espanha em Quito, Equador.

cvallejo@llorenteycuenca.com

DIREÇÃO CORPORATIVA

José Antonio Llorente
Sócio Fundador e Presidente
jallorente@llorenteycuenca.com

Alejandro Romero
Sócio e CEO para as Américas
aromero@llorenteycuenca.com

Adolfo Corujo
Sócio e Chief Strategy and Innovation Officer
acorujo@llorenteycuenca.com

Luis Miguel Peña
Sócio e Chief Talent Officer
lmpena@llorenteycuenca.com

Juan Carlos Gozzer
Sócio e Diretor-geral Regional
jcgozzer@llorenteycuenca.com

Marta Guisasola
Chief Financial Officer
mguisasola@llorenteycuenca.com

Cristina Ysasi-Ysasmendi
Diretora Corporativa
cysasi@llorenteycuenca.com

Juan Pablo Ocaña
Diretor Jurídico & Compliance
jpocana@llorenteycuenca.com

Daniel Fernández Trejo
Chief Technology Officer
dfernandez@llorenteycuenca.com

José Luis Di Girolamo
Sócio e Global Controller
jldgirolamo@llorenteycuenca.com

Antonieta Mendoza de López
Vice-presidente de Advocacy para a América Latina
amendozalopez@llorenteycuenca.com

ESPANHA E PORTUGAL

Luisa García
Sócia e CEO
lgarcia@llorenteycuenca.com

Arturo Pinedo
Sócio e Chief Client Officer
apinedo@llorenteycuenca.com

Barcelona

María Cura
Sócia e Diretora-geral
mcura@llorenteycuenca.com

Óscar Iniesta
Sócio e Diretor Sênior
oiniesta@llorenteycuenca.com

Muntaner, 240-242, 1º-1ª
08021 Barcelona
Tel. +34 93 217 22 17

Madrid

Jorge López Zafra
Diretor-geral
jlopez@llorenteycuenca.com

Joan Navarro
Sócio e Vice-presidente Relações Públicas
jnavarro@llorenteycuenca.com

Amalio Moratalla
Sócio e Diretor Sênior Esporte e Estratégia de Negócio
amoratalla@llorenteycuenca.com

Iván Pino
Sócio e Diretor Sênior Crise e Riscos
ipino@llorenteycuenca.com

David G. Natal
Sócio e Diretor Sênior Engagement
dgonzalezn@llorenteycuenca.com

Ana Folgueira
Sócia e Diretora Executiva Estúdio Criativo
afolgueira@llorenteycuenca.com

Lagasca, 88 - planta 3
28001 Madrid
Tel. +34 91 563 77 22

Lisboa

Tiago Vidal
Sócio e Diretor-geral
tvidal@llorenteycuenca.com

Avenida da Liberdade nº225, 5º Esq.
1250-142 Lisboa
Tel. + 351 21 923 97 00

ESTADOS UNIDOS

Alejandro Romero
Sócio e CEO para as Américas
aromero@llorenteycuenca.com

Juan Felipe Muñoz
CEO US
fmunoz@llorenteycuenca.com

Erich de la Fuente
Chairman
edelafuente@llorenteycuenca.com

Javier Marín
Diretor Sênior Healthcare Américas
jmarin@llorenteycuenca.com

Miami

Juan Felipe Muñoz
CEO US
fmunoz@llorenteycuenca.com

600 Brickell Avenue
Suite 2125
Miami, FL 33131
Tel. +1 786 590 1000

Nueva York

Juan Felipe Muñoz
CEO US
fmunoz@llorenteycuenca.com

3 Columbus Circle
9th Floor
New York, NY 10019
United States
Tel. +1 646 805 2000

REGIÃO NORTE

Javier Rosado
Sócio e Diretor-geral Regional
jrosado@llorenteycuenca.com

Cidade do México

Mauricio Carrandi
Diretor-geral
mcarrandi@llorenteycuenca.com

Av. Paseo de la Reforma 412
Piso 14. Colonia Juárez
Alcaldía Cuauhtémoc
CP 06600, Ciudad de México
Tel. +52 55 5257 1084

Javier Marín
Diretor Sênior Healthcare Américas
jmarin@llorenteycuenca.com

Panamá

Manuel Domínguez
Diretor-geral
mdominguez@llorenteycuenca.com

Sortis Business Tower
Piso 9, Calle 57
Obarrio - Panamá
Tel. +507 206 5200

Santo Domingo

Iban Campo
Diretor-geral
icampo@llorenteycuenca.com

Av. Abraham Lincoln 1069
Torre Ejecutiva Sonora, planta 7
Suite 702
Tel. +1 809 6161975

San José

Pablo Duncan - Linch
Sócio Diretor
CLC Comunicación | Afiliada LLYC
pduncan@clcglobal.cr

Del Banco General 350 metros oeste
Trejos Montealegre, Escazú
San José
Tel. +506 228 93240

REGIÃO ANDINA

María Esteve
Sócia e Diretora-geral Regional
mesteve@llorenteycuenca.com

Bogotá

Marcela Arango
Diretora-geral
marango@llorenteycuenca.com

Av. Calle 82 # 9-65 Piso 4
Bogotá D.C. – Colombia
Tel. +57 1 7438000

Lima

Gonzalo Carranza
Diretor-geral
gcarranza@llorenteycuenca.com

Av. Andrés Reyes 420, piso 7
San Isidro
Tel. +51 1 2229491

Quito

Carlos Llanos
Diretor-geral
cllanos@llorenteycuenca.com

Avda. 12 de Octubre N24-528 y Cordero – Edificio World Trade Center – Torre B - piso 11
Tel. +593 2 2565820

REGIÃO SUL

Mariano Vila
Sócio e Diretor-geral Regional
mvila@llorenteycuenca.com

São Paulo

Thyago Mathias
Diretor-geral
tmathias@llorenteycuenca.com

Rua Oscar Freire, 379, Cj 111
Cerqueira César SP - 01426-001
Tel. +55 11 3060 3390

Rio de Janeiro

Thyago Mathias
Diretor-geral
tmathias@llorenteycuenca.com

Rua Almirante Barroso, 81
34º andar, CEP 20031-916
Rio de Janeiro
Tel. +55 21 3797 6400

Buenos Aires

Mariano Vila
Sócio e Diretor-geral
mvila@llorenteycuenca.com

Av. Corrientes 222, piso 8
C1043AAP
Tel. +54 11 5556 0700

Santiago de Chile

Mª Soledad Camus
Sócia e CEO
scamus@llorenteycuenca.com

Marcos Sepúlveda
Diretor-geral
msepulveda@llorenteycuenca.com

Avda. Pdte. Kennedy 4.700 Piso 5,
Vitacura
Santiago
Tel. +56 22 207 32 00
Tel. +562 2 245 0924

IDEAS LLYC

EXPLORAR. INSPIRAR.

IDEAS es el Centro de Liderazgo a través del Conocimiento de LLYC.

Porque asistimos a un nuevo guión macroeconómico y social. Y la comunicación no queda atrás. Avanza.

IDEAS LLYC es una combinación global de relación e intercambio de conocimiento que identifica, enfoca y transmite los nuevos paradigmas de la sociedad y tendencias de comunicación, desde un posicionamiento independiente.

Porque la realidad no es blanca o negra, existe IDEAS LLYC.

ideas.llorenteycuenca.com
www.revista-uno.com
Podcast Diálogos LLYC